

# A morte e a valorização do intelectual

Paulo Niccoli Ramirez<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo reflete sobre o papel da morte para a consagração e popularidade do intelectual nos meios acadêmicos, e para a sociedade. Além disso, reconstrói a trajetória que antecede a morte de importantes filósofos e intelectuais que nortearam o desenvolvimento da cultura ocidental, de forma a permitir articulações entre a própria morte e o contexto histórico e social em que estiveram inseridos ou foram protagonistas.

**Palavras-chave:** intelectual; morte; filosofia.

35

**Abstract:** This article reflects on the role of the death for the consecration and popularity of the intellectual in the academic circles and in the society. Furthermore, reconstructs the trajectory that precedes the death of important philosophers and intellectuals who guided the development of the western culture so as to allow linkages between death itself and the historical and social context in which they were inserted into or have been protagonists.

**Keywords:** intellectual; death; philosophy.

---

<sup>1</sup> Doutorando, mestre, bacharel e licenciado em Ciências Sociais (PUC-SP), bacharel em filosofia (USP), professor da UNINOVE, membro do NEAMP e do *Complexus* (PUC-SP) e autor do livro *Sérgio Buarque de Holanda e a Dialética da Cordialidade* (EDUC, 2011).

*Critão, exclamou [Sócrates], devemos um galo a Asclépio. Não te esqueças de saldar essa dívida! (Platão. Fédon)*

*Perturbamos a vida pelo cuidado da morte e a morte pelo cuidado da vida. (Montaigne)*

*Ao chegar aqui, o manuscrito é interrompido (Friedrich Engels. Intervenção ao final do inacabado III volume de O Capital de Karl Marx).*

*É preciso reinterpretar a morte!(Nietzsche)*

## **I. Morte**

36

Na maioria das vezes morrer é um fenômeno social involuntário, pois estabelece o repentino ou inesperado abandono definitivo do sujeito perante a cultura e aos comandos da natureza. A condição irreversível do óbito é crucial para a posteridade e sobrevivência de uma filosofia ou teoria, é a última assinatura do pensador no mundo. Embora a vida não seja eterna, o pensamento pode sê-lo, desde que a humanidade e a construção da cultura não cessem neste planeta.

O fenômeno da morte de um intelectual é o último passo para consagrar e afirmar suas teses nos círculos acadêmicos, sempre polinizadores dos saberes às massas. Cria-se a atmosfera de respeito que o torna um objeto de interesse coletivo. Referimo-nos à trajetória do pensamento em direção aos valores que são transmitidos à cultura. Morrer é um ritual de passagem que encaminha o pensador não para o além-mundo, mas para a construção do que a cultura escrita compreende como o conhecimento que deve ser difundido e estudado. A morte pode ser determinante para definitivamente tornar o

pensador um demiurgo da história de nossa civilização e seu pensamento uma leitura importante e por vezes necessária ou obrigatória. Durante a formação de estudantes de todos os níveis, os livros didáticos, artigos acadêmicos e teses fazem referências não apenas às obras, mas também ao destino dos autores tidos como alicerces de uma determinada ciência, corrente literária ou filosofia.

Buscamos compreender em nosso estudo qual a importância da morte enquanto marco simbólico e social para a difusão das reflexões de grandes pensadores. E para isso é preciso analisar o ato *morrer* em sua generalidade nas relações sociais. A morte do intelectual tem ressonâncias muito distintas se comparadas com o óbito de pessoas comuns e líderes religiosos ou políticos. Estudaremos as peculiaridades conferidas à morte do pensador a partir de sua primeira e talvez mais importante construção, o caso de Sócrates, o que nos encaminhará para a compreensão de outras mortes lapidares para a formação do pensamento Ocidental, casos de Copérnico, Galileu Galilei, La Boetie, Marx e mais contemporaneamente, Walter Benjamin, Sartre, Foucault, Deleuze e Lévi-Strauss. Embora estes pensadores tenham mortes e desfechos distintos, procuraremos demonstrar que a aparente descontinuidade histórica e de pensamentos entre estes intelectuais convergem e sugerem a morte como um trampolim rumo ao definitivo reconhecimento acadêmico e coletivo, de forma que morrer é a essência da existência da obra do pensador.

37

## II. Da generalidade da morte ao caso Sócrates

Os simples mortais, isto é, as pessoas comuns, todos aqueles que passaram por esta vida e pela cultura sem que fossem percebidos, notados ou notáveis, sem que tenham realizado grandes feitos, reflexões ou sequer escrito algo que não seja facilmente esquecido no futuro, como é o caso das empobrecedoras literaturas motivacionais e empresariais arduamente produzidas em nossa época, a estes seus familiares aplicam a concepção de *luto*. Enquanto fenômeno social, o luto expressa a passagem da memória ao esquecimento, do respeito à desconsideração, da cultura rumo à natureza, e da triste ausência à normalidade da vida. Freud descreve o luto como um

momento passageiro, dor temporária que muito em breve fará com que as vestes escuras dos parentes enlutados sejam modificadas por cores mais alegres e vivas, enquanto resultado da superação do próprio luto. A existência e morte do antepassado passam a ser vistas como ciclo natural da própria vida, e esta prossegue normalmente. O ser extinto deixa de ser relevante e não mais presente no cotidiano e nas ações conscientes dos indivíduos. É o fim do luto.

Em que consiste, portanto, o trabalho que o luto realiza? Não me parece forçado apresentá-lo da forma que se segue. O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível — é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena. Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente, prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas. Por que essa transigência, pela qual o domínio da realidade se faz fragmentariamente, deve ser tão extraordinariamente penosa, de forma alguma é coisa fácil de explicar em termos de economia. É notável que esse penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto

se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido (FREUD, 1973, p. 2093).

A morte de indivíduos considerados socialmente relevantes e que estão além da condição de meros componentes da vida em família, como são os casos de ídolos, líderes políticos e religiosos, oferecem ao público o espetáculo, a visibilidade e a comoção. Suas mortes são lembradas com feriados e cultos estatais ou religiosos. Diferentemente do luto e do esquecimento que acompanha as pessoas comuns, a morte dessas celebridades remete à concepção de *herança*. Os herdeiros são seus adoradores ou ao menos todos aqueles que relacionam a vida, tida no presente como confortável ou estável, com a imagem de seus ídolos mortos. Geração após geração são cultuados ou divinizados sob a argumentação de que a realidade passou a adquirir novos contornos ou uma nova organização após os feitos extraordinários desses ilustrados. *A herança* deixada por estes personagens é um legado, seja ele material ou espiritual, constituído por normas, regras ou diretrizes morais inventadas e doadas, as quais configuram o modo como os indivíduos interagem entre si e com a sociedade. Guardadas as devidas proporções históricas, culturais e políticas, as mortes de Jesus, Maomé, Napoleão, Washington, Thomas Jefferson, Lincoln, Perón, Getúlio Vargas, Churchill, entre tantos outros líderes, produzem para a vida em sociedade a lembrança contínua e incessante de que houve uma ruptura que impôs aos sujeitos condições positivas de convívio e perpetuação da própria vida. A herança deixada às pessoas comuns faz do líder um sujeito a ser lembrado. Sua imagem cultuada personifica a alegoria do renascimento constante da esperança de uma vida melhor, da aquisição de direitos ou, no caso da esfera religiosa, a possibilidade de um paraíso para o além-túmulo.

A morte do intelectual raras vezes comove o vulgo. O caso de Sócrates é o avesso da morte de um líder. Odiado pela cidade, corruptor da juventude, negador do mundo material, opositor da democracia e dos sofistas, crítico dos poetas, pensador apolíneo em um universo dionisíaco, Sócrates detém a

imagem que promove a aversão coletiva. O filósofo não aceita ser banido da cidade e muito menos calar-se ou ser multado. Sua infração grave é o filosofar. Pouco preocupado com a condenação à morte por considerar a alma eterna e a existência do mundo Inteligível, o inimigo da *polis* opta por ser injustamente condenado ao envenenamento com a ingestão da cicuta. A tese da imortalidade da alma defendida por Sócrates é o alibi encontrado por seus discípulos Xenofontes e Platão para também imortalizá-lo neste mundo por meio das comoventes palavras presentes na *Apologia de Sócrates* e no *Fedon*.

A morte socrática é a vitória do saber e da construção da filosofia Ocidental. Devemos nos questionar se a vida e o pensamento de Sócrates exigiam uma morte injusta. Ao anunciar a forma como o filósofo foi morto, Xenofontes parece nos informar qual é o legado deixado pela vida desse intelectual e escreve:

[...] Reconhecendo ser-lhe mais vantajoso morrer que viver, assim como jamais recuara diante dos outros bens, assim não fraquejou à barba da morte e serenamente a recebeu e sofreu. Quando reflito na sabedoria e grandeza de alma deste homem, não posso deixar de acordar-lhe a memória e a esta lembrança juntar elogios. E se dentre os enamorados da virtude alguém houver que haja privado com homens mais presentes que Sócrates, reputo-o o mais venturoso dos mortais (Xenofontes, 1972, p.173).

Platão encerra o seu *Fedon* com termos similares após Sócrates tragar a cicuta e não expressar mais nenhum movimento ou feição: “Tal foi o fim de nosso amigo [...], do homem, podemos afirmá-lo, que, entre todos os que nos foi dado a conhecer, era o melhor e também o mais sábio e justo” (Platão, 1973: p.339). A morte de um intelectual requer engenhosidade literária de seus discípulos ou estudiosos. A eloquência do discurso é determinante para entrijecer a crítica à *doxa* e à vulgaridade do senso-comum que cerceia a liberdade de expressão, inexistente no mundo antigo e medieval.

Já nos referimos à morte do intelectual como um ritual de passagem necessário para consolidar o seu pensamento. Morrer é o último rastro deixado pelo pensador para que seus estudiosos possam de fato compreender quais são as dimensões de seu pensamento e do período histórico no qual viveu. Certas mortes revelam o espírito de uma época e paralelamente podem produzir uma revolução ou ruptura no que tange aos paradigmas epistemológicos que regem uma cultura. A morte de Sócrates indica a injustiça presente na democracia de Atenas perante seus próprios cidadãos, democracia esta por vezes avaliada de modo errôneo e nostálgico por muitos, pois acreditam encontrar nela a mais perfeita (ou algo próximo a isto) forma de organização humana já existente, esquecendo-se também que o modelo era sustentado pela escravidão e na ausência de participação das mulheres na vida pública, o que Sócrates refutara com veemência, apesar de defender uma monarquia e a utopia de uma cidade meritocrática do ponto de vista racional e filosófico.

### III. A Revolução Científica nas mortes de Copérnico e Galileu

41

A obra astronômica de Nicolau Copérnico, *A Revolução dos orbes celestes*, pode ser considerada o marco inicial da chamada Ciência Moderna. Sua publicação ocorreu em 1543 pouco antes de sua morte. Este aspecto que relaciona praticamente a mesma data de **publicação** do livro e morte de Copérnico não deve ser visto como mera coincidência. O astrônomo foi um clérigo da Igreja católica e acredita-se que se viu moralmente obrigado a engavetar o texto por mais de uma década, não se sabe exatamente se por medo da Inquisição ou por não desejar lutar contra os postulados de sua fé.

A Revolução Copernicana consiste na demonstração do movimento da Terra em torno do Sol, em oposição à concepção religiosa na qual a Terra é o centro do Universo e o homem a mais privilegiada criação de Deus. Suas descobertas são apresentadas apenas como hipóteses matemáticas que não condizem com a realidade e com as sagradas escrituras, o que revela o temor e cautela da exposição de novas ideias diante da vigilância atenta dos censores da

Igreja, a qual encontrava no modelo científico aristotélico-ptolomaico o sistema de interpretação do universo condizente com as sagradas escrituras.

Copérnico pôs em xeque o sistema cosmológico tradicional e deu origem a novos fundamentos científicos, segundo os quais a Terra é um entre tantos outros planetas que giram em torno do Sol. Ocorre a dessacralização da Terra e, principalmente, do céu, pois este passa a ser objeto de estudo passível de matematização e não mais assunto restrito à fé. Sabe-se que com a certeza do final da vida e no próprio leito de morte o clérigo-astrônomo teria permitido a publicação de seu livro. Já seria tarde demais para que a Inquisição impusesse sobre ele qualquer punição.

Apesar da artimanha copernicana, a obra foi censura e alocada no *Index* promovido pelo Santo Ofício. Isto não impediu que a obra encontrasse clandestinamente as mãos de Galileu Galilei por volta de 1610. Atribui-se a Galileu uma intensa crença nas teorias sobre a centralidade da Terra e nas escrituras durante a juventude. No entanto, quando tomou conhecimento dos estudos que demonstravam o movimento da Terra, "converteu-se" ao corpenicanismo e abandonou definitivamente o modelo aristotélico-ptolomaico, o que se faz presente nas obras *Acerca da opinião copernicana* e *Diálogo sobre os dois sistemas de mundo ptolomaico e copernicano*.

Diferentemente de Giordano Bruno, condenado à fogueira em 1600, Galileu passou por dois processos de Inquisição. O primeiro deles ocorreu em 1616, quando lhe fora proibida a divulgação de teses em defesa de Copérnico. Se, por um lado, Copérnico considera as suas descobertas apenas hipóteses matemáticas, Galileu, por outro lado, radicaliza o discurso científico em pleno desacordo com as autoridades clericais, apontando que a linguagem do Universo é matemática e, portanto, caberia distinguir o discurso racional científico e a fé, esta última pouco confiável para explicar a ordem do Cosmos. Galileu não se calou diante da censura imposta pela Igreja. Seguiu a realização de experimentos e observações científicas. Em 1633 é iniciado um novo processo inquisitório. Debilitado e com a idade de aproximadamente setenta



anos, Galileu é condenado à prisão domiciliar, tendo morrido em 1642 em Florença.

Tal como no caso de Sócrates, as mortes de Copérnico e Galileu não apenas ilustram a repressão que o discurso oficial difundido em uma sociedade exerce contra o livre pensar, mas também protagonizam a passagem de um modelo de compreensão de mundo a outro, em que a morte transforma-se no último relato e postura engajada do intelectual contra os seus opositores.

#### IV. Amizade e morte

Não são comuns na história do pensamento ocidental relações de profunda e verdadeira amizade entre intelectuais. São recorrentes os casos de relações de influência de um autor sobre o outro, nem sempre contemporâneos, ou que estabeleceram contato hierárquico do tipo mestre/discípulo, como é o caso de Sócrates e Platão, ou Platão e Aristóteles. Relações amistosas autênticas e propriamente ditas são raras. Geralmente reconhecemos rivalidades e oposições entre os pensadores, mas não afinidades que extrapolam o campo do conhecimento e que acabam por fortalecer os próprios vínculos intelectuais. Referimo-nos à amizade em seu sentido pleno, em que há reciprocidade e anulação de qualquer forma de hierarquia ou sobreposição de um indivíduo sobre o outro. Sérgio Cardoso nos apresenta o sentido etimológico da palavra amizade quando se refere a Montaigne e La Boétie:

[...] Montaigne considera a palavra amizade na sua acepção mais ampla e concessiva, segundo um uso consolidado na tradição greco-romana. Nesse sentido lato, *philia* e *amicitia* designam todas as formas de vínculo, aliança e sociedade, ou seja, toda manifestação associativa [...] por oposição aos modos de repulsa, dispersão e rivalidade. Assim, aí, sob o termo amizade, encontramos agrupados todos os laços que, na expressão de Montaigne, “o prazer, a utilidade, a necessidade pública ou privada forjam ou alimentam” [...]: o

amor, afeição, camaradagem, vínculos familiares, comerciais ou políticos, ou mesmo as mais frágeis conjunções e simpatias, como as que se estabelecem, por exemplo, entre companheiros de viagem (Cardoso, 1987, p.167-8).

A amizade desses filósofos criou o vínculo intenso que permitiu a admiração de uma filosofia sobre a outra e, mais que isto, a identificação e a horizontalidade do convívio democrático que apenas as mais profundas e sinceras amizades são capazes de oferecer. O amigo complementa e aperfeiçoa seu parceiro, torna-o maior amigo e maior inimigo, crítico voraz e construtor do outro enquanto parte de um “eu” mesmo. A amizade é desinteressada e interessante, é o afeto mais genuíno de parceria criada pelo *homo sapiens*, pois ultrapassa a relação biológica a ponto de transformar um outrem em um irmão. Esta parece ter sido a amizade entre eles, a qual foi subitamente interrompida com a morte precoce de La Boétie em 1563 com apenas trinta e três anos “[...] e assim se preparou essa amizade que nos uniu e durou quanto Deus o permitiu, tão inteira e completa que por certo não se encontrará igual entre os homens de nosso tempo” (Montaigne, 1972, p.98).

Montaigne, então com trinta anos, foi radicalmente afetado pela morte de La Boétie. As conversas enriquecedoras e ideias compartilhadas entre os dois chegaram ao fim. A morte repentina e a sensação de inaudita solidão talvez tenham levado Montaigne em 1571 (e aos trinta e oito anos) a retirar-se da vida pública e a encontrar refúgio aos seus pensamentos no isolamento. Pôde então refletir sobre a existência com a sensação de que sua morte também estaria muito próxima, o que de fato não ocorreu tão cedo (morre em 1592). Em seus *Ensaíes* encontramos as mais belas palavras para a definição da amizade entrelaçadas à morte, verdadeiros tributos ao amigo. Descreve-o como “o maior homem do século”. É legítimo questionar até que ponto a difusão das ideias de La Boétie é tributária da amizade e da própria repercussão futura dos *Ensaíes* de Montaigne. O binômio morte/amizade entre intelectuais contribui para a imortalização do pensamento do outro que se foi. Nos *Ensaíes* (livro III)

indica que “filosofar é aprender a morrer” e talvez homenagear o amigo distante.

Montaigne e Engels possuem afinidades eletivas quanto à preservação da memória do amigo intelectual.

O primeiro encontro com Marx ocorreu quando o jovem Engels visitou a sede da Gazeta Renana. O frio e distante contato rendeu-lhe ao menos a publicação de dois de seus artigos. O segundo encontro em Paris (no ano de 1844) proporcionou uma sólida identificação e intensa amizade que duraria mesmo após a morte de Marx em 1883. Sob uma visão mais abrangente, esta amizade consolidou a aproximação dialética e crítica de duas tradições filosóficas: o empirismo e cientificismo ingleses que resultaram na Revolução Industrial, e o pensamento alemão fundamentado no imperativo categórico kantiano e na filosofia da história de Hegel, invertidas por Marx com o seu materialismo histórico.

A partir da crítica dessas tradições, Marx e Engels unificaram a oposição à ideologia e aos falsos pressupostos idealistas que legitimam o Estado burguês. Em seu lugar, propuseram os imperativos da consciência e da luta de classes como motes responsáveis pela marcha ou progresso da humanidade. Não é mero acaso o fato de ambos os filósofos terem se conhecido em Paris, berço do positivismo e crença exacerbada no progresso da humanidade pela via racional e científica. Não nos esqueçamos de que embora tenham criticado os chamados socialistas utópicos franceses como Babeuf, Blanqui, Fourier e Saint-Simon, Marx e Engels mantiveram intactos os elementos vitais do positivismo de Comte (discípulo e amigo pessoal do próprio Saint-Simon). Escreve Engels:

Quando no Verão de 1844 visitei Marx em Paris, estabeleceu-se a nossa completa concordância em todos os domínios teóricos, e daí data o nosso trabalho comum. Quando, na Primavera de 1845, nos encontramos de novo em Bruxelas, Marx tinha já desenvolvido, de um modo

acabado (...) a sua teoria materialista da história. Esta descoberta, que revolucionou a ciência histórica – que, como se vê, é essencialmente obra de Marx e de que eu só me posso atribuir uma quota parte muito insignificante –, foi, porém, de importância para o movimento operário desse tempo. Comunismo entre franceses e alemães, cartismo entre ingleses, já não apareciam mais como algo de casual, que igualmente podia não ter existido. Estes movimentos apresentavam-se agora como um movimento da classe oprimida moderna, do proletariado, como formas mais ou menos desenvolvidas da sua luta historicamente necessária contra a classe dominante: a burguesia; como formas da luta de classes, mas diferenciando-se de todas as lutas de classes anteriores apenas por isto: porque a classe oprimida hodierna, o proletariado, não pode realizar a sua emancipação sem emancipar ao mesmo tempo toda a sociedade da separação em classes e, com ela, das lutas de classes. E comunismo nunca mais significou: congeminação, por meio da fantasia, de um ideal de sociedade o mais perfeito possível, mas: compreensão [teórica] da Natureza, das condições e dos objetivos gerais, delas resultantes, da luta conduzida pelo proletariado (Engels, 1985, p.199).

46

A crença no progresso pode ter aproximado estes dois filósofos. Arrisco-me na afirmação de que de alguma forma o progresso acompanhou a amizade e as ações de Engels após a morte de Marx. A Revolução Socialista está intimamente relacionada com a *praxis* e a universalização da consciência de classe. Para tanto, era necessário a Marx viajar, visitar sindicatos e ligas de trabalhadores por toda a Europa. Após ter sido expulso pelas autoridades de Paris, Bruxelas e Colônia por divulgar em jornais e revistas pensamentos considerados subversivos e contrários à ideologia burguesa, o filósofo exila-se em Londres no ano de 1849 até a sua morte. A vida de Marx na Inglaterra

contraditoriamente foi marcada pelo pauperismo e pela intensificação de leituras críticas dos clássicos da economia (Adam Smith, Ricardo e Malthus). A pobreza e o desemprego contrastaram com o ócio necessário à produção de sua obra máxima, *O Capital* (1867).

A degradação de sua saúde e a morte precoce de seus filhos nos últimos dez anos de vida tornaram os volumes II e III de *O Capital* inacabados. Engels garantiu seu sustento durante este período e após a sua morte, como amigo e revolucionário, termos que no socialismo devem ser estreitos, íntimos e sinônimos, responsabilizou-se pela organização e difusão dos manuscritos de Marx. O progresso da revolução e da consciência de classe agora estavam sobremaneira nas mãos de Engels.

É possível que as exigências do progresso da humanidade em direção ao socialismo tenham feito com que Engels prestasse uma das mais singelas e belas homenagens já feitas a um amigo filósofo, em nome de sua memória. Na lápide de Marx em Londres lê-se o pequeno trecho escrito por eles: “operários do mundo, uni-vos” retirado do livro *Manifesto do Partido Comunista*.

47

\* \* \*

Certas amizades na filosofia tornam-se mais robustas após a morte do outro. Durante a vida há rusgas, críticas e até mesmo um teor de inveja perante o brilhantismo alheio. Porém, a inimizade sucumbe perante o óbito. O caso de Walter Benjamin diante da relação que manteve com Adorno talvez seja um dos mais controvertidos da história do pensamento ocidental. Quanto à sua morte conhecemos o seu desfecho. Walter Benjamin morre no dia 27 de setembro de 1940 em decorrência de sua fuga das tropas nazistas que haviam invadido Paris. Aos quarenta e oito anos, judeu, marxista, alemão com nacionalidade usurpada pelo nazismo, cardíaco e após atravessar os Pirineus foi impedido pelas autoridades franquistas de atravessar a fronteira em direção à Espanha. Seu suicídio em Portbou representa o encerramento de uma vida repleta de infortúnios pessoais e acadêmicos. Ainda que tenha tido pouco êxito

em vida, sua obra ganhou dimensões talvez não imaginadas pelo seu autor, fazendo dele um dos maiores pensadores do século XX. Mas o que é surpreendente é o fato de que sua obra tornou-se importante graças aos esforços de Adorno e Scholem, com quem durante a vida teve relações ambíguas no que diz respeito à amizade.

Antes de prosseguirmos é importante avaliarmos o papel do suicídio na filosofia. Seria um equívoco relacionar esta forma de morte de um filósofo com o cálculo estatístico, como faz Durkheim em sua obra *O Suicídio*. Isto porque o suicídio daqueles que podem ser verdadeiramente considerados pensadores não está relacionado com motivações externas em que se aplica a noção positivista de que o meio exerce pressão sobre a consciência do indivíduo. Dificilmente vemos filósofos realizarem o suicídio por questões econômicas, coações do meio ou desilusões amoras, como é comum observamos no vulgo, para quem esta modalidade de morte exige cartas póstumas, probleminhas familiares, falta de atenção dos entes próximos. Enfim, o suicídio que permite estatísticas, como as de Durkheim, tem motivos torpes.

O suicídio do filósofo é honroso. Não me refiro aqui a uma questão de ordem moral, mas é a honra de si, isto é, distante de qualquer pressão social ou moral. O suicídio de um filósofo é a escolha mais consciente perante a natureza inanimada. O que mantém um filósofo vivo são certezas, sendo elas o desejo do que pode ser escrito e publicado ainda em vida ou a crença em Deus ou em normas divinas que garantem a vida além da morte. A certeza da incerteza, a consciência da descontinuidade da existência e a plena capacidade de perceber que o sentido das coisas está no fato de que nada faz sentido é o que move a morte voluntária do pensador. Ato digno perante as falácias religiosas, o suicídio dignifica o ser. Afasta-o da superficialidade das credices e da moral, revela o alívio diante da inutilidade da polidez e de tradições da sociedade. Por isto o suicídio do filósofo não deve ser quantificado.

Guy Debord e Deleuze realizaram respectivamente o suicídio em 1994 e 1995. Ambos doentes e próximos da invalidez tomaram a decisão de dar fim

conscientemente ao naufrágio que acompanha a doença e a velhice. O corpo e a mente nos permitem os mais sábios gozos. Escrever e aproveitar-se dos estados alterados da mente, fazer da vida uma obra de arte requer instrução, honra de si. Qual é o sentido da vida quando conscientemente limitamos nosso ser às infrações e limitações da moral? Deleuze ao saber do estado crônico de sua doença pulmonar olhou para si e deve ter pensado (com o perdão da palavra): “foda-se” e sob um piscar de olhos jogou-se de uma janela até encontrar o chão. Debord, por sua vez, considerava que “o homem não morre, desaparece”. Para não tornar a sua morte um espetáculo à sociedade refugiou-se e morreu na região isolada de Auvergne na França com um tiro disparado sobre no seu coração. O suicídio filosófico é a conspiração da vida contra as suas próprias limitações. Nestas situações viver não é uma arte, mas a exigência inútil de garantir a esperança de que o corpo decaído deva sobreviver a todo custo.

Walter Benjamin possuía duas opções: ingerir a dose cavalari de morfina que carregava consigo para liquidar o quanto antes a própria vida, ou prolongar seu suplício, ser prezo e direcionado a um campo de concentração. Diante dessas alternativas não muito confortáveis acabou por escolher a morfina. De sua morte sabemos pouco. Acredita-se que teria deixado uma carta com uma acompanhante de fuga, a fotógrafa Henny Gurland, e seu jovem filho. A carta original foi destruída pela acompanhante para não evitar rastros. Alcançando solo seguro, possivelmente em Lisboa, o suposto texto anotado de memória pela acompanhante foi repassado por correspondência posteriormente a Adorno. Teria escrito Benjamin em carta datada de 25/09/1940:

Em uma situação sem saída, não tenho outra escolha a fazer. Em um pequeno povoado nos Pirineus onde ninguém me conhece minha vida chegará ao fim. Rogo que transmita meus pensamentos ao meu amigo Adorno e que explique a ele a situação em que me encontro. Não tenho tempo suficiente para escrever todas as cartas que gostaria ter escrito. (Benjamin, 2005, p.928 – tradução nossa).

Não se sabe ao certo qual teria sido o impacto ou reação de Adorno ao ler essas prováveis palavras de Benjamin. Enquanto Benjamin esteve vivo as correspondências de Adorno foram reticentes aos escritos de seu *outsider* companheiro de Escola de Frankfurt. Acusava ao lado de Horkheimer a falta de dialética, excesso de metafísica e alegorias, pouco rigor com o marxismo e solicitou que refizesse os seus textos, como é o caso da *Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (a primeira versão data de 1938 e a segunda, 1939) e também de seus escritos sobre Baudelaire. Em carta de 10/11/1938 e refugiado em Nova Iorque, escreve Adorno a Benjamin:

[...] Mas como tenho a firme e imutável convicção de que lhe será possível confeccionar um manuscrito do *Baudelaire* com toda sua força de persuasão, gostaria de pedir encarecidamente que renuncie a publicação da versão atual que escreva uma outra como te digo. Se esta deve ter uma nova estrutura formal ou se pode solapar essencialmente a parte final de seu livro sobre Baudelaire, é algo que escapa às minhas conjecturas. Somente você pode decidir a respeito. Gostaria de dizer que se trata de um rogo meu, e não de um acordo da redação ou rejeição (Adorno, 2001, p.157 tradução nossa).

Em outras correspondências é explícito como Adorno não observava com bons olhos a amizade pessoal e o diálogo intelectual e fecundo de Benjamin com o teatro de Brecht e com a leitura da *Cabala* realizada por Scholem. O suicídio benjaminiano deve ter produzido em Adorno uma reviravolta dialética em seu pensamento. Adorno ao lado de Scholem e Rolf Tiedemann procuraram preservar a memória de Benjamin. Uniram forças, aboliram desavenças e preocuparam-se em editar as *Obras Completas* do amigo falecido, o que se realizou no final da década de 1960. Sem este esforço homérico a coleta de praticamente todos os escritos de Benjamin, cartas, rascunhos, por vezes ilegíveis, não teriam feito do filósofo da melancolia um



dos maiores pensadores do século XX. Não há dúvidas sobre o quanto Adorno é importante para que conheçamos hoje o pensamento de Benjamin.

Caberia um estudo psicanalítico sobre o impacto da morte de Benjamin no pensamento de Adorno e quais *influências* posteriores foram exercidas sobre ele, o que foge aos propósitos presentes nesse escrito. Adorno tornou-se um brilhante leitor e intérprete de Benjamin. Em 1968, um ano antes de sua morte, reescreve a sua relação com Benjamin:

Carece de objeto falar da “problemática união pessoal do antigo oponente e hoje editor e intérprete Theodor W. Adorno”: Benjamin e eu nunca fomos “oponentes”. Naturalmente, como é habitual entre amigos que procedem da mesma esfera intelectual e se dedicam às mesmas questões, exercemos a crítica sobre nossos trabalhos, sem que esta crítica manchasse minimamente nossas relações pessoais (*Idem*, p.90-1).

#### V. 1900 em diante: popularidade e morte do filósofo

Ainda que involuntariamente, foi preciso Nietzsche morrer em 1900. Esta mesma sensação de distância dos mil e oitocentos da era cristã, apogeu do extremo cientificismo e das ênfases na racionalidade e no progresso, indiretamente deve ter sido compartilhada pelo editor de *A interpretação dos sonhos* de Freud, o qual recusou-se em datar o ano da publicação do livro no ano de 1899. Os grandes pensadores e o conjunto de sua obra são responsáveis por encerrar e ao mesmo tempo iniciar novas concepções de existência no que se refere à ordem moral e a compreensão do mundo. O século XX caracteriza-se pelo resgate da carne, dos sonhos, pulsões, paixões, sentidos ou sensações. O declínio da moral, a morte do Deus da razão insolente e isolada do corpo, ou a sobreposição do *logos* sobre o *mythos*, têm o seu caso com a guinada filosófica nietzschiana. Não se trata de uma vitória de Dionísio contra Apolo, senão o reencontro entre ambos. A proeza de Nietzsche foi ter morrido depois de Deus e permanecer vivo com o seu Zaratustra e *Gaia Ciência*:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – Gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? (...) Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob nossos punhais – quem nos limpará este sangue? (Nietzsche, 2005, p.147-8).

52

Se considerarmos que as primeiras imagens em movimento surgem na última década do século XIX, é possível que Nietzsche tenha sido o primeiro filósofo a ser filmado. As imagens do filósofo datam do ano de 1899 e foram realizadas, acredita-se, por sua irmã Elizabeth Foster no seu intento para conseguir dinheiro com a crescente notoriedade adquirida pelo filósofo.

Pela primeira vez vemos a feição de um filósofo em movimento.<sup>2</sup> As imagens que temos de Nietzsche são as mais inquietantes e decadentes possíveis, em contraste à valorização de Dionísio e Apolo. Demonstram a

---

<sup>2</sup> As imagens de Nietzsche podem ser visualizadas no link do Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=alHu-nGqDHY> (consultado em outubro de 2012).

decadência e a condição dilacerada da mente e do corpo do filósofo, muito provavelmente como resultado do estágio avançado da sífilis, que o tornou gradativamente inválido nos últimos anos de vida. Internado e sob a tutela de sua irmã, a letargia do deslocamento de seu corpo e o olhar perdido, característico daqueles que parecem encontrar algum horizonte na parede de um quarto fechado, constituem uma visão aterrorizante do filósofo.

O desejo que temos em conhecer Nietzsche “em movimento” inaugura uma tradição que no século XX se reduzirá à necessidade de visibilidade do pensador nos meios de comunicação. Muitas vezes vemos como grandes intelectuais contemporâneos atraem massas de pesquisadores, professores e entendidos em palestras, cursos e eventos, pelo simples fato de ser o que são como se fosse possível adquirir algo a mais de seu pensamento pelo simples fato de vê-lo ao vivo ou por estar a poucos metros de sua sabedoria. Os ouvintes, hoje mais espectadores, são como *ovoyeur*. Cresce, década após década e de acordo com o aperfeiçoamento das mídias, o interesse por filmes, documentários sobre ou com os próprios pensadores estudados. Este tipo de contemplação que extrapola os limites do próprio pensamento do filósofo foi impensável no passado, quando os pensadores apenas poderiam ser admirados por meio de seus livros ou com a escrita ou comentários feitos sobre eles.

A atitude de *voyeur* perante a vida do filósofo intensificou-se com Sartre. Nenhum outro filósofo foi tão midiático. Conhecemos a liberdade e intimidade conjugais que exerceu com sua companheira Simone de Beauvoir; o longo apoio polêmico e irrestrito com o violento regime stalinista; a até então inimaginável recusa em receber o prêmio Nobel de literatura em 1964; e sua morte foi o maior cortejo fúnebre realizado em nome de um pensador.

Cerca de cinquenta mil pessoas prestaram as últimas homenagens ao filósofo enterrado no cemitério de Montparnasse em Paris. Jornais impressos, emissoras de rádio e televisores do mundo todo relatavam a morte do mais influente intelectual do século XX. A morte de Sartre sustenta também o prenúncio da decadência e fim da União Soviética. Não é de se admirar que o existencialismo de Sartre teve origem e popularizou-se durante a Guerra Fria.

Sartre tornou a liberdade do século XX em angústia perpétua, sentimento dialético que oscila entre o fracasso e o desejo infindável de novos projetos à vida. Escreve Sartre:

[...] Assim, começamos a entrever o paradoxo da liberdade: não há liberdade a não ser em situação, e não há situação a não ser pela liberdade. A realidade humana encontra por toda a parte resistência e obstáculos que ela não criou; mas essas resistências e obstáculos só têm sentido na e pela livre escolha que a realidade humana é [...] (Sartre, 1997, p.602).

Se o inferno são os outros, caberia à subjetividade buscar novos oásis, sempre inacabados, incompletos e mutilados pela contingência da existência histórica ou da situação. Sartre e a União Soviética morreram sob o mesmo desfecho, uma revolução inconclusa, desvio e inferno.

\* \* \*

É possível estabelecer transversalidades e afinidades eletivas entre a morte do intelectual e o contexto histórico no qual ele está inserido, sobretudo no que diz respeito às doenças e epidemias. Na Antiguidade são vastos os casos dos males e temores que a lepra causava no imaginário social e dos homens doutos. Na Idade Média e transição para o período Moderno conhecemos inumeráveis focos da peste bubônica. A peste de algum modo exigiu de Descartes e Newton no século XVII o afastamento social em seus respectivos quartos. Desses isolamentos provavelmente surgiram o *Cogito* cartesiano e a teoria da refração da luz Newton. O quarto fechado e isolado do mundo, escuro no caso de Newton e a cera da vela no caso do dormitório de Descartes, produziram os mais brilhantes raciocínios que alavancaram o empirismo inglês e o racionalismo francês. No século XIX a sífilis e a tuberculose, os males do século, foram musas inspiradoras do movimento romântico. O fumo, quartos pouco ventilados, as insalubres tabernas e suas

prostitutas deram aos poetas a morte juvenil e ares de brilhantismo aos seus leitores. Baudelaire foi vítima e devedor desse cenário.

A segunda metade do século XX obliterou a existência de renomados intelectuais, sobretudo com o crescimento dos casos de câncer e AIDS. Foucault foi o primeiro entre eles e morreu precocemente aos cinquenta e oito anos. Pouco era sabido sobre o controle da AIDS e o seu diagnóstico representava a certeza de que a vida não poderia durar muito tempo. Foucault morre em 1984, o que por coincidência e *fortuna* é o título do conhecido livro de George Orwell. *Vigiar e Punir e 1984* são as célebres bibliografias que todos os críticos do panóptico e da sociedade do controle devem necessariamente consultar. Mas o que é há de mais paradoxal na morte de Foucault é que a liberdade sexual e o uso do corpo, dos prazeres e da mente encontram na AIDS o maior de seus interditos. Mal do século XX, a AIDS foi o obstáculo da revolução sexual iniciada em maio de 1968 em Paris e argumento para os discursos moralistas que inibem a contemplação dos corpos. Aqui a transição iniciada por Nietzsche em 1900 encontra o seu maior inimigo. Foucault, desregrado, dionisíaco, amante da vida, primeira grande vítima da AIDS entre os pensadores.

## **VI. Para matar o texto: o centenário e a *morte morrida***

Lembro-me de ter terminado a graduação em filosofia na USP no ano de 2007 sem que nenhum professor ou colega de classe pronunciasse o nome de Lévi-Strauss, a não ser para mostrar o quanto nada de suas reflexões, assim como as de Foucault, Deleuze, Derrida e Guatarri, não correspondiam a dita “verdadeira filosofia”, processo intelectual que busca a verdade muitas vezes restrita à leitura de meia dúzia de textos, quando muito. Os argumentos para não estudá-lo no curso de filosofia eram os mais variados, mas o que mais surpreendia era o discurso de que é necessário o filósofo morrer para estudá-lo melhor. No entanto, o centenário de Lévi-Strauss no ano de 2008 parece ter levado àquela universidade uma espécie de bom-senso e alguns ciclos de palestras foram realizados em homenagem ao pensador. Embora docentes e

alunos do curso de filosofia não tenham nada feito, o departamento de antropologia da FFLCH procurou homenageá-lo.

O centenário realizado ainda em vida concede ao pensador a aura do intelectual e o respeito generalizado, uma espécie de beatificação que precede a própria morte. Na França e no Brasil foram feitas dezenas de homenagens, documentários, reportagens em jornais e revistas. Enfim, Lévi-Strauss tornou-se membro do panteão de intelectuais do Ocidente. Após a sua morte em 2009 a quantidade de referências, eventos e publicações do autor multiplicaram-se ainda mais.

Morrer é, portanto, permitir que a obra viva, é fazer-se digno de leituras nos cursos disponíveis em universidades e fora delas. Quando lemos o intelectual morto realizamos o ritual de imortalização de seu legado à cultura. Em filosofia a morte se dá por engajamento e a obra vive por amizade e admiração.

## Referência

- ADORNO, Theodor. *Sobre Walter Benjamin*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Libro de los pasajes*. Madrid: Akal, 2005.
- CARDOSO, SÉRGIO. “Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne”. In: NOVAES, Adauto (org). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia da Letras, 1987, p.159-194.
- ENGELS, F; MARX, K. *Obras escolhidas*. Lisboa: Edições “Avantel”; Moscovo: Edições Progresso, 1985, p. 5-30, Tomo III.
- FREUD, Sigmund. “*Duelo y melancolia*”. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tomo II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, p. 2091-2100.
- MONTAIGNE, M. *Os Ensaíos*. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.

